

LITERATURA E POVOS INDÍGENAS NO MOMENTO PÓS-COLONIAL TRANSPONDO A PONTE ENTRE EQUADOR E AUSTRÁLIA

Clarice Blessmann e Barcellos (UFRGS)

La palabra es vida
vida es libertad, paz
armonía, reciprocidad
De ella
depende la forma, el fondo
de cada día y cada noche
por eso
ella es indispensable
debe estar presente
junto a cada segundo
a cada minuto
caso contrario
el tiempo
actuaría a su gusto
y nos sometería a él
decían nuestros Yayas.
(KOWII, 1993)

At
The ending
Of a poetry
Reciting
The triumph of the sword
The stone womb
Blocked out into words
Falls sweet
Into an enchanted
European hall
Rich with clichés
Of old ghostly monks
(MUDROOROO, 1991)

Há uma maneira de cruzar a grande distância geo-histórica que separa Equador e Austrália. Tal travessia é feita por uma ponte imaginária construída sobre os pilares do espírito de luta de povos indígenas e fortalecida pelo esforço, incansável e necessário, de reconstrução de suas identidades esfaceladas devido à violência dos atos colonialistas europeus, que jamais se contentaram em conquistar e ocupar terras alheias, mas que também dizimaram povos e obrigaram os sobreviventes a assimilarem suas culturas. O nome dessa ponte é 'Literaturas Indígenas'. Plurais porque surgidas de diferentes povos, de diferentes passados; singulares porque tratam de uma única questão: a reconstrução da identidade que é a alma de um povo que se reconhece e é reconhecido como único e soberano.

Por estarem inscritas nos estudos pós-coloniais, as literaturas indígenas não prescindem de elementos históricos, culturais e sociais. Portanto, qualquer análise de um texto pós-colonial deve ser feita levando-se em conta a história e a formação social de seu país de origem. Entretanto, como veremos ao longo da travessia proposta neste artigo, mesmo as mais diferentes histórias e formações sociais convergem para um único ponto representativo daquilo que é comum a todos os países que um dia foram colônias: a Literatura em suas diversas formas.

A ponte chamada ‘Literaturas Indígenas’

Tomando como base os anos 1960, quando as literaturas pós-coloniais começaram a se disseminar pelo mundo, observa-se aspectos comuns àquelas produzidas por nativos indígenas. O uso da língua do colonizador como meio de reconhecimento cultural, de preservação da memória e de recriação da própria identidade, somado ao uso da língua indígena como elemento representativo do sentimento de exclusão, agora experienciado pelo branco, bem como o sincretismo de símbolos e imagens são alguns dos aspectos mais presentes nos textos da era pós-colonial.

A aceitação do ‘Panindigenismo cultural’, no qual as diferenças entre os povos são apagadas ou encobertas, enquanto uma suposta civilização ‘índia’ é construída retoricamente, embora não seja simpática aos diferentes povos nativos, é importante para facilitar a construção e transposição das pontes que vão sendo construídas entre eles. Outro fato relevante é o de que os escritores indígenas nascidos no século XX, tomaram uma decisão idêntica no mundo todo, negando seus nomes de registro europeus e assumindo nomes nativos, escolhidos a partir de seus totens ou dos troncos de suas árvores tribais. Dois dos escritores mais representativos em seus países hoje, são comprometidos com as questões relativas às suas comunidades indígenas e escolheram seus nomes pelo que significavam em suas línguas nativas. Ariruma Kowii, do Equador, é professor universitário, poeta e ensaísta, tendo se destacado por fazer questão de escrever somente no idioma *kichwa*, a língua da nação de sua origem, Otavalo. Entretanto, abrindo uma exceção, em 1993 ele publicou o livro *Taitsik, poemas para construir el futuro* em edição bilíngüe, quíchua e espanhol. Diz ele sobre seu nome, em uma entrevista para o jornal *El Comercio*, de seu país:

Ariruma Kowii es un nombre con mucha musicalidad. ¿Qué significa? Ariruma em Kichwa, quiere decir árbol de la paz. [. . .] Y Kowii, conejo. Este es mi nombre materno, llegué a él a mediados de los 70, cuando en Otavalo iniciamos nuestro proceso de reivindicación cultural. Antes tenía un nombre castizo, obligado, al cual ahora no recuerdo.
(KOWII, 2004).

A poesia que compõe *Tasitsik* é forte na linguagem e nos efeitos de sentido causados sobre o leitor. Nela estão presentes o passado, os símbolos, as diferentes tribos nativas, a religião e uma esperança de um tempo futuro mais promissor, desde que os nativos tomem seu lugar na sociedade e no mundo.

Así
amordazado com el tiempo
te obligaron a negarte
y te negaste

te enseñaron a humillarte
y te humillaste
te enseñaron a tener
vergüenza de ti mismo
y te avergonzaste
te acostumbraron a sentirte
inferior
a ser conformista
y te acostumbraste
te usurparon nuestro país
y te colonizaste
te dijeron
tienes que vivir de rodillas
y les escuchaste [. . .]
(KOWII, 1993, p. 57-58)

Ahora
hay que tocar fuerte
nuestros tambores
para que todos vengan
para que vengan todos
a compartir el baño ritual
del inti raimi
para he de esta forma
absolutamente todos abancemos
para que nadie
en ningún momento
y bajo ningún pretexto
de paso atrás
¡compañeros!
(KOWII, 1993, p. 67)]

Nos dois exemplos acima, a persona se dirige ao povo equatoriano. No primeiro, recriminando-o porque se deixou dominar, não se revoltou contra as demandas injustas do colonizador, insinuando uma menção a Emiliano Zapata, o maior revolucionário mexicano de todos os tempos, que disse: “É melhor morrer do que viver de joelhos” (*rodillas*). Kowii utiliza a mesma idéia de Zapata quando diz que “*te dijeron tienes que vivir de rodillas y les escuchaste*”. No segundo exemplo encontramos o chamamento à ação, em que o estímulo vem das tradições passadas de tocar tambores (se fazer ouvir, guerrear se preciso) e o banho coletivo que faz parte do ritual do sol, ou da colheita no Equador (*inti raimi*). Diz ele, ainda, que esta é a forma de todos progredirem, irem em frente, sem que nada e ninguém volte a viver da forma indesejada dos tempos coloniais.

Mudrooroo Nyoongah, na Austrália, sempre escreveu em inglês, em primeiro lugar porque a linguagem dos povos aborígenes australianos era puramente oral; em segundo lugar, por achar que somente escrevendo na língua de seu colonizador teria possibilidade de se comunicar efetivamente com o público leitor branco. Diz ele sobre o uso de duas línguas pelo escritor nativo:

The separation between native language and cultural language is not peculiar to the colonized but it cannot be compared to just any linguistic dualism. Possession of two languages is not merely a matter of having two tools, but means the participation in two psychical and cultural realms. Two words are symbolized: two discourses are in conflict [. . .]”
(MUDROOROO, 1991, p. 146)

Quanto à origem de seu nome nativo, esclarece Mudrooroo em uma entrevista para o website www.culturebase.net ,

'Mudrooroo' came about because I was talking to Oodgeroo Noonuccal in 1988 and she, in the course of discussion, said that we should have a working totem or dreaming. Then she said seeing that we are writers why not the paperbark tree? 'Oodgeroo' means paperbark in the Noonuccal language and 'Mudrooroo' means paperbark in the Bibbulmum language which is my mother's people's language; and so I changed my name to Mudrooroo.

‘Paperbark’ tem o significado aproximado de ‘papiro’, pois é o nome de uma árvore nativa da Austrália, de cuja casca se produz uma espécie de papel não-industrializado.

Seu livro *The Garden of Gethsemane, poems from the Lost decade*, contém poemas escritos em diferentes fases de sua vida, cujos temas mais recorrentes são a violência, a prisão, a marginalidade, a religião e a política, em uma linguagem ácida, muitas vezes crua e sarcástica como em *Mudrooroo*,

He came here with a computer
And the broken language of the conqueror;
He says ‘No sir’, ‘Maybe sir’; but never, ‘Yes, sir’.
His words hit out at the shopping centres and cement.
He desires to turn glass into beach sand.
As a bakhura, he slouches into the suburbs of petty despair.
His words should be treated as the joke of his absence.
Seeking Mudrooroo, they root up his totem,
Bare the ground to dig an Aboriginal cemetery
With headstones scratched by the chains of convicts.
The claws of his toes disappear into kurdaitcha traces.
The tap tap of his keyboard designs
A virus to wipe out programs of destruction.
He raises the flag and watches the grass grow,
And the cell doors open to free all life.
Seeking Mudrooroo in the sap of a tree,
Two hundred years of bloodshed water his culture,
He stands proud, his feet rooted in the earth.
(MUDROOROO, 1991, p.15)

Neste poema, Mudrooroo representa todos os aborígenes australianos urbanos e marginalizados. Nas três primeiras linhas ele fala no fato de que, mesmo sendo um

aborígene educado nos moldes do colonizador, nunca se sentiu realmente subjugado, mantendo voz própria e tomando suas próprias decisões – “He says ‘No, Sir’, ‘Maybe, sir’; but never ‘Yes, sir’”-. A vontade de retornar aos tempos em que o seu povo vivia em harmonia com a natureza, revertendo o processo colonial está em “He desires to turn glass into beach sand” – transformar vidro em areia da praia. Há, ainda, a referência a um demônio – *Bakhura* – que precisa esconder-se para não ser arrancado de seu ambiente e costumes naturais. E é transformando-o em um *kurdaitcha* (um intelectual) que o colonizador tenta retirar dele o totem, que para os aborígenes australianos é a estrutura da própria alma, o ser da Mãe Natureza que vive dentro de cada um. Mas ele reage e utiliza as ferramentas do colonizador (computador) para destruir as ações destruidoras deste, libertar seu povo das correntes que o mantêm subjugado. No final, - “Two hundred years of bloodshed water his culture, He stands proud, his feet rooted in the earth”- ele reafirma que apesar de todo o sofrimento e consequências sofridas, o povo aborígene australiano se mantém enraizado na terra, o lugar onde foi gerado e ao qual pertence.

As obras poéticas de Kowii e de Mudrooroo tomam o passado e os símbolos mitológicos de seus povos como elementos para a (re)construção das identidades de seus povos, e a importância maior da presença do passado em suas obras, é o fato de que, “O passado está aí somente para explicar o presente e postular ideais para o futuro”ⁱ (MUDROOROO, 1990, p.25) . De acordo com as palavras de Mudrooroo está Manuel Gutierrez Estévez, intelectual equatoriano, quando diz que:

Una mención especial debe hacerse a los escritores indígenas que contribuyen decisivamente a producir nuevas representaciones del pasado y nuevas retóricas de identidad que son más efectivas que las generadas por los líderes políticos, con frecuencia simplistas y agresivos”.
(ESTÉVEZ, 2001)

A poesia que conduz a travessia Austrália – Equador

A história colonial do Equador inicia ainda no século XV com a chegada dos Incas na região habitada, na época, por muitas nações indígenas que sobreviviam da agricultura e do artesanato para consumo próprio. O império Inca que colonizou o Equador era organizado em hierarquias sociais e econômicas e seus imperadores mantinham relações internacionais diplomáticas com outros países. A ‘Rodovia Inca’, por exemplo, foi implementada pelo império para movimentar as populações entre os seus diferentes territórios, estimulando um grande intercâmbio cultural e comercial. Portanto, quando os Espanhóis chegaram ao Equador em 1.526, encontraram um país culturalmente diferente, mas claramente organizado como um grande império.

A Austrália, por sua vez, até o século XVIII ainda era uma terra habitada por muitas tribos aborígenes cuja organização social era primitiva, com base em laços familiares e informais. Não havia hierarquias sociais, políticas ou econômicas, nem divisões territoriais oficiais, o que levou os ingleses a denominar todo o imenso território australiano como *terra nullius*, ignorando a presença e o direito dos povos nativos sobre as regiões em que viviam.

Tanto Equador quanto Austrália eram formados por muitas tribos nativas, sendo que cada uma possuía sua própria língua, tradições e identidade cultural. As tentativas de “branqueamento” acabaram por negar tais realidades pluri-culturais e multi-étnicas daqueles povos. Ao longo do processo colonizador, além do genocídio direto causado

pelas lutas e massacres, o genocídio indireto foi estabelecido e permanece ainda hoje na forma de uma situação de vida insalubre, de movimentos migratórios para as cidades onde os indígenas vivem marginalizados, aculturados e, conseqüentemente, perdem suas identidades nativas. Hoje, ambos países têm suas comunidades rurais marcadas pela pobreza e ausência de jovens.

Quanto à influência da Igreja Católica nos dois países, tanto os indígenas australianos como os equatorianos, demonstram através de suas literaturas, que a religião católica foi aceita como um elemento espiritual suplementar às suas manifestações espirituais nativas, e por isso é mencionada como parte de suas culturas em poesias e narrativas. Os excertos abaixo mostram as diferentes formas pelas quais Kowii e Mudrooroo inserem a religião católica em seus poemas.

Cristo
Tú también te has tardado demasiado
Tus pastores tus hijos
Han profanado tu santa palabra
Te han convertido en un pordiocero
A su serviço
Te han crucificado en sus alcancías
Para enriquecerse.

Cristo
A ti igual que a nosotros
Te engañaron
Te prometeron darte un mundo nuevo
Y te hicieron cómplice de sus crímenes
Nos prometieron paz
Y nos hicieron la guerra
Sus golpes sempre fueron una traición
Nos esclavizaron con su religion
Y sus leyes...
(KOWII, 1993, p.63-64)

Did Wadjima mark out this land,
Did he, did they – tell me this?
Did Wandjima mark out this land,
Did he, did they tell us to live entire,
Did he, did they? – Yes, he did!
Well, what is this Christian god,
Teaching us to rape the earth,
Separate ourselves and rape the earth,
Lose our manhood as we rip our mother,
Did Wandjima mark out his land,
Did they, what is this domination then,
This conquering, this power, this individuality?
Didn't Wandjima mark out this earth –
Who changed it, who changed it?
What is this Christian god,
What is this domination of pummy humans?

When they die to whom do they return;
When they die how shall they face
Wandjima who marked out this land,
Didn't he, didn't they? – he did!
(MUDROOROO, 1991, p.178)

Kowii traz a representação de uma conversa com Cristo, comparando as traições e mentiras que o povo nativo equatoriano sofreu, com aquelas sofridas pelo próprio Cristo, e denuncia as atitudes violentas da igreja que não poupou nem mesmo a vida de Jesus, sacrificando tantas mais quantas fossem necessárias em nome da obtenção de riquezas materiais.

O poema de Mudrooroo compara o deus nativo *Wandjima* com o deus cristão, apontando que a grande diferença entre eles está no respeito à terra como genitora. Ele compara o desrespeito à terra com um estupro, além de denunciar o fato de que os cristãos são egoístas em suas ações – “Well, what is this Christian god, teaching us to rape the earth, [...] what is this domination then, this conquering, this power, this individuality?”- e por isso Mudrooroo grafa a palavra ‘deus’ (*god*) com a inicial minúscula, enquanto o nome de seu deus nativo é grafado com inicial em maiúscula.

Durante os períodos mais traumáticos de suas histórias, os povos nativos dos dois países lutaram de várias formas contra seus colonizadores tentando expulsá-los de suas terras. Mais tarde, já no início do período pós-colonial, os movimentos passaram a ser políticos, reivindicatórios, até que em um dado momento, vendo a impossibilidade de obter qualquer resultado positivo através daqueles meios, os povos passaram a se manifestar através de movimentos culturais (literatura e artes em geral), em que suas vozes seriam ouvidas também pelo resto do mundo, buscando uma possibilidade maior de apoio para a solução de problemas decorrentes de seus períodos coloniais. Palavras como ‘terra’, ‘árvore’, nomes de animais, de rituais nativos, são comuns nas literaturas indígenas, que passaram por diversas fases até a consolidação da presença de elementos como o uso da língua nativa e da língua do colonizador em um mesmo texto, o uso de termos de baixo calão para mostrar revolta ou chocar o leitor. Tais elementos, podemos observar nos poemas dos dois autores, onde o leitor se depara com vocabulário nativo – *taita curita* (autoridade paternal) -, bem como com símbolos da mitologia nativa – *crow* (corvo), *cat* (gato) – e palavras de baixo calão, como: *carajo* e *fuck*, ambos colocados nas frases de fechamento dos poemas, o que causa um efeito de impacto mais aguçado. Outro elemento que faz parte da poesia pós-colonial e que aparece na poesia de Kowii é a corrupção da grafia de nomes e palavras para expressar desdém e escárnio - *waikiku* aparece como uma corrupção de Waikiki, praia do Havaí que é território oficial dos Estados Unidos desde 1959. Tomemos como exemplos da utilização dos elementos textuais e lingüísticos citados acima, os seguintes poemas de Kowii e de Mudrooroo:

Si
ya es suficiente
demasiado tiempo hemos soportado
ya no más diostepague
ya no más tata curita!
ya no más amito su merce
ya no más waukiku

de la Unitate States!
ya no más besar la mano
o arrodillarse humildemente
ante el opresor
esto se acabócarajo!
(KOWII, 1993, p.65)

The far-flung diaspora of my desires
Finds psychedelic images writhing drug-free
On the slow moving curtain, flesh-coloured.
I calm myself with the crow's crow,
With the steady hum of the refrigerator,
The panting of the dog, the padding of the cat
Driven mad by crazy birds whistling
The hits of the sixties and seventies,
In a passing of the human to the animal
In a thousand glowing eyes essaying to mimic
The neon glow of a city fleaming as a pub
To engorge us, soak up the debris of our sorrows
Then vomit it warm and mellow, fighting mad
About something someone said or didn't say,
Or liked, or didn't like in an angry shout of:
'I'll take on the whole world and fuck it dead!'
(MUDROOROO, 1991, p. 14)

Outro ponto em comum entre os escritores indígenas são as atividades intelectual e política. Tendo nascido muitas gerações após a história colonial de seus países ter chegado ao fim, escrevem textos criativos e produzem teorias e métodos que ajudam a definir, conceituar e incluir a literatura indígena nos estudos culturais pós-coloniais. Conforme afirma Huggan, "[. . .] locally produced theories and methods might prove in the end to be more productive than the reliance on Euro-American philosophical trends and habits of thought" (HUGGAN, 2001, p. 3).

Ainda hoje os povos de ambos países lutam para que suas reivindicações sejam atendidas pelos governos de seus países, por isso os escritores passam de simples cidadãos criativos a representantes de suas comunidades. Direitos como autogerenciamento da saúde e educação dos indivíduos dentro de suas próprias culturas, além do reconhecimento e proteção do governo aos lugares sagrados e à propriedade intelectual dos povos nativos, são algumas das demandas ainda não totalmente atendidas tanto no Equador quanto na Austrália..

A maior diferença entre esses dois países está em suas histórias econômicas. Graças à habilidade em produzir artesanatos, tecidos, arte tradicional e moderna e, principalmente, por sua experiência no comércio internacional, os indígenas equatorianos ressurgiram economicamente e hoje têm um lugar de expressão na economia de seu país, sendo que a região de Otavalo, de onde é originário Ariruma Kowii, é a mais rica. Na Austrália, os povos nativos ainda são mantidos à margem da sociedade em todas as regiões do país, embora seja verdade que muitos deles lutaram e aproveitaram as oportunidades para desenvolverem estudos acadêmicos e hoje são indivíduos e profissionais importantes em suas comunidades, tendo aprendido a tirar

proveito do conhecimento adquirido nas instituições em que se formaram, para agir em prol de seus povos.

Nesta nossa ‘Aldeia Global’, as culturas perdem sua característica de quase estáticas tornando-se dinâmicas, incorporando elementos de outras culturas e mantendo-se vivas em um processo constante de adaptação e incorporação de novas idéias. Assim, é perfeitamente possível a travessia da ponte entre Equador e Austrália, ao longo da qual encontramos tantos pontos em comum e tantas possibilidades de diálogo entre as diferentes culturas e realidades indígenas.

ⁱ Minha tradução, bem como todas as demais que constam deste artigo em que palavras e orações foram retiradas de suas línguas originais para efeito de citação: espanhol e inglês.

REFERÊNCIAS

CULTUREBASE. *Four names – which identity?* Dezembro, 2005. disponível em: <<http://www.culturebase.net>>. Acesso em 20 março, 2006.

ESTÉVEZ, Manuel Gutiérrez. *Política democrática y pueblos indios em um tiempo poscolonial*. **Revista de Occidente**, Madri, v. 246, p. 109-127, novembro 2001.

HUGGAN, Graham. *The post-colonial exotic*. London: Routledge, 2001.

KOWII, Ariruma. *Tsitsik: poemas para construir el futuro*. Quito: Ediciones Culturales de Ibabura, 1993.

_____. *El Kichwa crece con los poetas*. El Comercio, Quito, 20 julho, 2004. Disponível em: <<http://miarroba.com/foros>>. Acesso em 23 março, 2006. NYOONGAH, Mudrooroo. *The Garden of Gethsemane: poems from the lost decade*. Victoria: Hyland House, 1991.